

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA**

WALTER RICARDO GOBBO

**HOMOFOBIA NA SALA DE AULA: UMA CONVERSA COM PROFESSORES E
PROFESSORAS DE ARTES.**

**CRICIÚMA
2019**

WALTER RICARDO GOBBO

**HOMOFOBIA NA SALA DE AULA: UMA CONVERSA COM PROFESSORES E
PROFESSORAS DE ARTES.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciado em Artes Visuais - na Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Profa.Dra. Aurélia Regina de Souza Honorato.

CRICIÚMA

2019

WALTER RICARDO GOBBO

**HOMOFOBIA NA SALA DE AULA: UMA CONVERSA COM PROFESSORES E
PROFESSORAS DE ARTES.**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciado no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 28 de novembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Aurélia Regina de Souza Honorato –Doutora - (UNESC) - Orientadora

Profa. Izabel Cristina Marcílio Duarte - Mestra - (UNESC)

Prof. Zolnei Vargas Ernesta de Córdova– Especialista - (FASATC)

Dedico esse trabalho ao Gabriel Gabrezini, meu amigo que foi morto pelo ódio e pelo fascismo impregnado em corações doentes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha mãe que sempre me deixou ser quem eu quisesse ser, onde eu quisesse ser, sendo o que sou, sem medo de ser. E juntamente com ela, agradeço a minha orientadora e mais que isso, minha referência na arte, na docência, na vida e na luta, Aurélia Regina de Souza você me inspira.

Agradeço às minhas amigas de escola que tanto me apoiaram contra os discursos de ódio existentes no ambiente escolar, Vanessa e Beatriz vocês são importantes pra mim.

Agradeço aos meus amigos e amigas de luta e da vida do Coletivo Sou, à Lidiane e João Gabriel que sempre me estimularam para seguir arteiro, às minhas amigas dançantes Karol Fernandes, Jéssica Landin, Viviane Alves e Cleyton Martins.

Agradeço imensamente As Bratz que foi o grupo das meninas feministas mais incríveis da Universidade do Extremo Sul Catarinense, formado por Ana Berardinelli, Caroline Machado, Julia Alvarez, Marina Elias Guidi, Stéfany Ribeiro, Joici Clemência, Fatrine Lady eElen.

Agradeço aos meus alunos da Escola de Educação Básica Professora Maria da Glória Silva, e a diretora Giziane dos Santos, que sempre me deu suporte para estimular a arte e a dança com os alunos da mesma.

“Se recebo dor, te devolvo amor, e quanto mais dor recebo, mais percebo que sou indestrutível.”

PabloVittar

RESUMO

Essa pesquisa apresenta o tema homofobia na sala de aula, e as problemáticas que a envolve. Parte das experiências do autor/pesquisador por meio de seus relatos buscando responder a seguinte questão: Qual o lugar do tema homofobia nas aulas de Artes com adolescentes? Para tanto dialoga com autores que versam sobre arte, escola, gênero e diversidade como Louro (2016), Seffner (2009), Dinis (2011), Strazzacappa (2013), Furlani (2005), Larrosa (2017), Foucault (1977) entre outros. As análises trazem as vozes das professoras e dos professores de Artes, que já atuam na Educação Básica, em um momento de dança e conversa sobre o tema homofobia. A importância dessa pesquisa pauta-se na ideia de que possamos olhar para as pessoas vistas como minorias e questionar o papel do professor e professora de Artes, na sala de aula, na perspectiva de não permitir que o fascismo tome conta da educação brasileira.

Palavras-chave: Escola. Homofobia. Professores e professoras de Artes.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|--------|--|
| LGBTB+ | Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e outros. |
| PIBID | Programa Institucional de Iniciação à Docência. |
| UNESC | Universidade do Extremo Sul Catarinense. |
| OMS | Organização Mundial da Saúde |
| DST | Doenças Sexualmente Transmissíveis |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1- "Eu criança". | 17 |
| Figura 2 - "Espetáculo Ser Tão" | 22 |
| Figura 3 - "Espetáculo Der Lei" | 22 |
| Figura 4 - "Gabriel" | 31 |
| Figura 5 - "Oficina de dança com professores e professoras." | 38 |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----------|
| 1 | ALONGAMENTO (INTRODUÇÃO) | 11 |
| 2 | ANDAR PELA SALA (ESCOLA) | 18 |
| 3 | NÍVEIS DE ESPAÇO (ENCONTROS COM A ARTE) | 23 |
| 4 | COREOGRAFIA 5, 6, 7 E 8. (HOMOFOBIA) | 32 |
| | ENSAIO(CONVERSA COM PROFESSORES E PROFESSORAS) | 39 |
| 6 | UMA PROPOSTA PARA UMA PRÓXIMA AULA DE DANÇA | 46 |
| 7 | PASSAGEM DE PALCO (CONCLUSÃO) | 48 |

1 A LONGAMENTO (INTRODUÇÃO)

*Nasci danado pra prender
Vida com clips
Ver a lua além do eclipse
Já passei por badtrips
Mas agora o que eu quero
É o escuro afugentar.
(Zeca Baleiro 1999)*

Assim como *Zeca Baleiro* disse em sua composição *Embolada* é assim que inicio as escritas dessa pesquisa, convidando você leitor e leitora a ver a lua além do eclipse. Em dois mil e quinze, a música de Zeca fez parte da trilha sonora do primeiro espetáculo do Coletivo Sou. Um Coletivo Içarense que tem sua identidade pautada em experiências sensoriais, usa como pesquisa elementos da performance, happening e dança. A partir disso os convido a pensarem nesse corpo que é capaz de explorar novas formas de se movimentar, e assim esticaremos nosso corpo.

Para entrarmos em estado de Alongamento iremos pensar num espaço imagético que muito tem a ver comigo e com minha pesquisa, a *sala de dança*. Nesse lugar iremos dialogar sobre homofobia na sala de aula, conversa com professores e professoras de Artes, alunos e alunas, escola, formação de sujeito e ainda dançar. No entanto peço que entrem na sala e se posicionem, vamos pensar no nosso corpo e na forma como ele é educado perante tudo e todos que nos rodeiam, para isso iremos pensar corpo desde os princípios de nossas vidas e como tudo que vivemos reflete no nosso presente. Agora esticando os braços lá no alto e acordando nossos músculos, pensaremos na sala de aula como um lugar que tem a capacidade de estudar o corpo e que professores e professoras são responsáveis pela mediação da educação desse corpo que está presente em sua aula.

Corpo como soma. Desta forma ao invés da máxima de que nós “temos” um corpo, defendo que somos um corpo e que é pelo corpo que nos expressamos, sentimos, interagimos, aprendemos, enfim, somos. Nós somos nosso corpo. (STRAZZACAPPA, 2017, p. 97)

E é partindo dessa premissa de que somos corpo, que nos imagino esticando as pernas e levando as mãos junto aos pés, num alongamento que nos permita partilhar e analisar sobre o papel de ser professor e professora de Artes, neste movimento de pensar os diferentes corpos em nossa sala de aula.

Pensaremos sobre os corpos LGBTTT+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e muitos outros), quero convidar a você leitor e leitora para refletir sobre essa sigla que vem incomodando muito de uns tempos pra cá, e parto da reflexão do

artigo *“homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência”* no qual DINIS escreve:

Autoras que trabalham como uma perspectiva feminista, como a brasileira Guacira Lopes Louro (1997) e a espanhola Monserrat Moreno (1999), tem buscado alternativas a partir do uso concomitante da forma feminina e da forma masculina. Mesmo a sigla GLBT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais), utilizada pelos movimentos em prol da diversidade sexual, privilegiou durante muitos anos a precedência do termo masculino “gays” (que no Brasil, ao contrário do seu uso na língua inglesa, tem sido utilizado geralmente para referir a homens homossexuais), sendo somente nos últimos anos, que a partir da crítica feminista, foi adotada a forma LGBTTT. É evidente que não há solução definitiva para o problema, pois poderíamos dizer que as formas mais desafiadoras da sexualidade normativa, como as experiências afetivo-sexuais de pessoas bissexuais, travestis e transexuais continuam no fim da sigla. (DINIS, 2011, p. 9)

Quando criança, na escola, sempre me vi muito diferente dos meus colegas. Por ser menino, sempre houve a pressão de que eu teria que jogar bola, brincar com a rapaziada, me vestir no vestuário masculino e sentar como homem, (o que podemos chamar hoje de masculinidade tóxica), mas não deixei que esses aspectos patriarcais me afetassem por conta de mulheres importantes na minha vida, o que entendo hoje como referências na minha formação como o sujeito que sou. Por vezes eu tinha medo de frequentar a escola, pois tinham dias que viver lá eram cruéis para uma criança afeminada. Foi na adolescência que entendi minha personalidade, aceitei meus desejos e exercitei minha sexualidade, que para mim já era algo normal por muito tempo. A partir disso me abri para pessoas importantes na minha vida, mas eu queria mais do que o respeito da minha própria família, o desejo era de ser aceito normalmente, como todos os meus colegas de classe, pois o errado não é minha sexualidade, mas sim esse preconceito enraizado na cultura de ódio que existe no lugar onde estou inserido. E compreendendo isso me empoderei e me posicionei enquanto um jovem homossexual, fazendo com que a escola pudesse ser um lugar para um adolescente gay sim! No Ensino Médio fortaleci amizades (femininas) que me aceitavam e que me ajudaram no processo de aceitação, e a partir disso me senti parte da escola, mas mesmo com todo o apoio de amigas e colegas havia ainda um medo de toda a equipe escolar em falar sobre a normalidade da existência de jovens LGBTTT+ (lésbicas gays, bissexuais, transexuais, travestis e muitos outros) na escola, e, além disso, um despreparo e uma insensibilidade de estar promovendo este tipo de debate.

Afinal, é “natural” que meninos e meninas se separem na escola, para os trabalhos de grupos e para as filas? É preciso aceitar que “naturalmente” a escolha dos brinquedos seja diferenciada segundo o sexo? Como explicar,

então, que muitas vezes eles e elas se “misturem” para brincar ou trabalhar? É de esperar que os desempenhos nas diferentes disciplinas revelem as diferenças de interesse e aptidão “características” de gênero? Sendo assim, teríamos que avaliar esses alunos e alunas através de critérios diferentes? Como professoras de séries iniciais, precisamos aceitar que os meninos são “naturalmente” mais agitados e curiosos que as meninas? E quando ocorre uma situação oposta à esperada, ou seja, quando encontramos meninos que se dedicam a atividades mais tranquilas e meninas que preferem jogos mais agressivos, devemos nos “preocupar”, pois isso é indicador de que esses/as alunos/as estão apresentando “desvios” de comportamento? (LOURO, 1998, p. 67 e 68)

A partir da minha experiência na escola escrevo para que professores reflitam sobre os diferentes corpos e consigam lidar com a diversidade na sala de aula. E é a partir disso que levanto questionamentos sobre como trabalhar a diversidade nas aulas de Artes? Como podemos levar esse assunto para a escola? Como professores e professoras trabalham com essas questões na sala de aula? Documentos norteadores e leis que regem a educação induzem a introdução do tema diversidade, mas como isso aparece na escola? Quem é esse professor e essa professora que está inserido na escola na contemporaneidade? São contemporâneos?

É importante que não nos esqueçamos de alongar o pescoço. Sempre nos esquecemos do pescoço! Então os convidamos a girar a cabeça nos dois sentidos, assim podemos pensar melhor também sobre os alunos, alunas e alunas que precisam de atenção.

Minha pesquisa é focada em professores e professoras de Artes, pois penso muito nessa profissão desde que entrei no curso de Artes Visuais em 2016, por isso, sujeito problematizador e questionador que me tornei, trago como problema desse trabalho a seguinte questão: Qual o lugar do tema homofobia nas aulas de artes com adolescentes? Com o objetivo de desenvolver o estudo de autores e autoras importantes que asseguram o lugar de fala desse tema na sala de aula, além de uma oficina com professores e professoras de artes para dialogar sobre diversidade, homofobia e a comunidade LGBTQTT+ na escola, construindo um debate sobre o papel crítico das aulas de Artes com adolescentes. A partir disso, minha pesquisa se insere na linha de Pesquisa Educação e Arte do Curso de Artes Visuais – UNESC ¹

Penso em ser um professor do agora, e para isso é necessário ter um olhar que foge dos padrões heteronormativos, pois se pararmos para pensar o Ensino Médio

¹http://www.unesc.net/portal/resources/files/42/normas_tcc_licenciatura.pdf

das escolas brasileiras veremos uma diversidade imensa de corpos, com tatuagens, cabelos coloridos, platinados, descoloridos, jovens com piercing, jovens negros com seus cabelos afro empoderados, enfim, corpos diversos, e nós enquanto professores precisamos pensar diferentes dos padrões preestabelecidos, justamente porque em nosso ambiente de trabalho não encontramos pessoas padronizadas, de gravata, ou com a mesma roupa, por mais que os uniformes deixem os alunos de certa forma parecidos, sempre existem diferenças entre eles. Contudo, precisamos conversar com nossos alunos e entender melhor os sujeitos que estamos formando, e assim nos formaremos com eles, pois vivemos em sociedade e estamos nos construindo juntos nela. Para Strazzacappa (2018) “Estamos em constante construção, construção essa que ocorre nas relações com outros e com o ambiente (p. 97)”. E a partir disso, podemos pensar que o ambiente escolar tem muito a construir, e desconstruir, não somente aos alunos, mas a nós professores também.

Jogaremos nossos ombros para frente e para trás em movimentos circulares e respirando profundamente iremos entender melhor a metodologia dessa pesquisa, pois bem, isso é apenas um alongamento, quero que no final dessa aula, professores e professoras possam sair questionando esses temas e para isso acontecer eu preciso ir atrás deles e delas, certo? No entanto convidarei professores e professoras de Artes para uma aula de dança, na qual iremos dialogar sobre diversidade e homofobia, pensando numa coreografia coletiva, onde eles e elas possam me contar como abordam, como abordariam, e como já abordaram essas questões na escola, pois há uma urgência em debatermos assuntos como sexualidade, gênero e diversidade no espaço escolar, porém, a problematização dessa ação está no fato de professores e professoras ainda não saberem como tratar esses alunos e alunas, lésbicas, gays, transexuais e outros.

Há um nível mais problemático de discussão que diz respeito a quem “merece” ou não ser incluído. Exemplificando: quando se fala na inclusão de alunos surdos, em geral todos os professores, os administradores do sistema educacional e as comunidades escolares são favoráveis, e a discussão se concentra em “como” fazer para incluir esses alunos no processo de aprendizagem, que materiais necessitamos para realizar a inclusão, que estratégias de trabalho temos que aprender para auxiliar estes alunos, que equipamentos a escola deve ter para fazer o trabalho etc. ou seja, é claramente uma discussão acerca de métodos pedagógicos. Mas quando se trata de assegurar a inclusão de travestis, jovens gays e jovens lésbicas. A discussão muda de figura, e aparecem outras questões, habitualmente ligadas às concepções que os professores e as professoras têm acerca dessas orientações sexuais. Para algumas professoras, a aluna lésbica é uma “sem vergonha”, e o jovem gay um “abusador” em potencial. E não

merecem ser incluídos. E deveriam mudar de comportamento. (SEFFNER, 2009, p.127)

Com isso é necessário pensar o ambiente escolar, não como uma indústria de produção de alunos que precisam se formar dos anos iniciais aos finais e por fim saírem da escola, temos a obrigação de formar humanos críticos e que tenham o ambiente escolar guardado em sua memória como uma fase boa, leve e agradável da vida, uma fase de memórias. Pensando a formação dos alunos e alunas e o papel da escola e dos professores e das professoras devemos pensar que cada geração é única, e que muda sempre, no entanto nós como professores e professoras devemos mudar também, e criarmos novos métodos para a execução de nossas aulas, e pensando assim, concordo com (LOURO, 2013) na qual escreve:

Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar. O olhar precisa esquadrihar as paredes, percorrer os corredores e salas, deter-se nas pessoas, nos seus gestos, suas roupas; é preciso perceber os sons, as falas, as sinetas e os silêncios; é necessário sentir os cheiros especiais; as cadências e os ritmos marcando os movimentos de adultos e crianças. Atentas/os aos pequenos indícios, veremos que até mesmo o tempo e o espaço da escola não são distribuídos nem usados – portanto, não são concebidos – do mesmo modo por todas as pessoas. (LOURO, 1997, p. 59)

A autora que escreve sobre gênero e sexualidade é uma das escritoras que faz essa pesquisa se concretizar, e digo que é um dos pilares para que eu desenvolva a escrita. Além de Louro, outros autores também são importantes quando escrevo aqui sobre sexualidade, homofobia, gênero, aulas de Artes, escola e heteronormatividade, como Seffner (2009), Dinis (2011), Strazzacappa (2013), Furlani (2005), Schiavo (2001), Silva (2001), Larrosa (2017), Barbosa (2016), Foucault (1977) e Amaral (2016).

As epígrafes que abrem cada capítulo surgem a partir da minha experiência com meus alunos e alunas da escola e com o coletivo que atuo atualmente (falarei sobre eles no decorrer do trabalho). As quatro músicas que introduzem os capítulos são de bastante significância para mim, pois acredito que a dança contemporânea também é espaço para diálogo. Não que necessariamente precisamos de músicas para dançar, mas o propósito do coletivo, assim como o grupo da escola é justamente fazer com que, além do visual corpóreo, surja no auditivo um incômodo no público, estimulando assim um pensamento estético de dança política, construindo espaços para reflexões.

Os capítulos do trabalho são divididos a partir de uma aula dança, na qual constitui em *Alongamento* que surge na ideia de ser a própria introdução do trabalho, após isso *Andar pela sala*, pensando em aquecer o corpo e aqui podemos dizer que aqueceremos os estudos sobre escola e minha experiência enquanto aluno gay nesse ambiente. No capítulo *Níveis de espaço*, esse que em uma aula de dança surge como um jogo vem nessa pesquisa como possibilidade de encontro com a arte, falo aqui da minha própria experiência enquanto artista desde o começo desse encontro até os dias atuais nos quais me percebo enquanto artista e professor. Para os fins desse trabalho, termino minhas escritas com o *Ensaio*, que perpetua-se em uma oficina com professores e professoras dançando juntamente comigo e assim abrindo possibilidades de diálogos sobre homofobia, diversidade, e como eles e elas veem a comunidade LGBTT+ na escola.

Figura 1- “Eu criança”.



Fonte: acervo pessoal.

Para iniciar esse capítulo trago essa imagem de quando criança, para poder concretizar visualmente o que venho escrevendo nessa parte da pesquisa quando afirmo ser uma criança livre, afeminada e feliz. Retorno a esse Walter que tem uma responsabilidade bastante grande na formação de sujeito que sou hoje e agora, retorno a essa imagem e fico feliz com quem fui, retorno a esse lugar e tenho a certeza que viveria toda essa infância novamente.

2 ANDAR PELA SALA (ESCOLA)

*Na minha mente várias portas
E em cada porta uma comporta
Que se retrai e às vezes se desloca
E quantos segredos não foram guardados nessa
maloca?
Flutuar no céu poluído da cidade e beber toda a sua
mentira
Esperança à míngua, torneira sem água
Moeda? É religião que alicia
Vamos cantar pra nossos mortos
Vamos chorar pelos que ficam
Orar por melhores dias
E se humilhar por um novo abrigo
(Criolo, 2014)*

Ao som de *Casa de papelão*, do artista *Criolo*, iremos andar pela sala, música esta que foi trilha sonora do meu primeiro trabalho na escola como estagiário desde o ano de dois mil e dezesseis, no qual tive o privilégio de ministrar aulas de dança a partir do projeto *Novo mais educação*.²

É interessante que entremos em um espaço dedicado a dança, ao corpo presente, esquecendo assim das tarefas lá fora, no entanto, não podemos esquecer que junto a esse exercício simples de andar pela sala possamos também pensar no ambiente escolar, que será discutido nesse capítulo.

A escola muitas vezes é um lugar de primeiras socializações para o sujeito, depois da família. É nesse lugar que criamos laços afetivos com outras pessoas e participamos assim da cultura estabelecida em uma determinada sociedade, no caso a que estamos e aquela em que a escola está inserida, assim como a de outros sujeitos que lá habitam. No entanto é necessário pensar como se dão essas afeições criadas a partir desse ambiente que é a escola, pois penso que o ambiente escolar é um lugar onde os alunos precisam se sentir parte, integrados, fazer juntos, e assim concordo com Gatti quando escreve:

O papel social da escola é definido nos processos de ensinar educando, garantindo aprendizagens e proporcionando o desenvolvimento humano de crianças e jovens. Papel voltado à construção de uma civilização que preserve o bem coletivo, os valores de cooperação e respeito mútuo. Em perspectiva democrática, oferecer uma educação integral e integrada, significa alcançar em cada nova geração cada uma das pessoas e o conjunto humano. (GATTI, 2017. p. 67)

²O programa Novo Mais Educação conta com a articulação institucional e a cooperação entre as redes de ensino, bem como com o suporte técnico e financeiro do Ministério da Educação – MEC.

Quando aluno do fundamental I eu pensava a escola como um lugar em que eu pudesse fazer amizades, nas aulas de Artes como um espaço de fantasia e imaginação, na Educação Física como uma disciplina que fazia eu me envolver e soltar meu corpo, e no recreio como uma festa. Eu me sentia bem a partir destas perspectivas e sempre planejava tarefas para sair de casa. Pensava que sempre seria mais um dia agradável, como é comum acontecer com as crianças. Pois bem, não foi sempre assim. Alguns dias eram agonizantes ir à escola, algumas crianças não me entendiam, assim como eu também não as entendia. Ser uma criança afeminada não era uma tarefa fácil, se comportar como *macho* também não, no entanto sempre me vi resistência, pois silenciar aos ataques e não deixar ser abalado por comentários homofóbicos de alguns colegas e seguir firme diante disso não eram as tarefas que eu tinha planejado ao pensar a escola.

Pois bem, descobri que enfrentaria alguns problemas que não eram os mesmos dos meus colegas, mas fui atrás de alguém que pudesse resolver essas questões. Pensando na direção escolar fui demonstrar minhas queixas, mas reclamações de crianças nunca são levadas a sério e algumas soluções nunca são eficazes, frases como: *mostre ser forte, ou grite com seu colega e diga que você também é macho* era o que eu ouvia.

Cresci e resolvi ser professor, mas justamente por achar que a escola nem sempre é um lugar confortável para todo mundo. Ao mesmo tempo que existe um acolhimento também é escancarada uma certa segregação, não generalizando, pois existem muitas escolas fundamentais para a formação das pessoas, porém penso na escola pública como um lugar de formação de sujeitos e que esses possam ser sensíveis, e que esses preconceitos mesmo que sutis possam ser cortados pela raiz desde cedo, permitindo às crianças serem crianças.

Essa mesma escola e seus currículos, que historicamente contribuíram (e contribuem) para o quadro de exclusão social (invisibilizando identidades, negando a diferença e seus sujeitos), podem transformar-se em locais de disputa de novos significados culturais e de contestação desses modelos excludentes e desiguais. (FURLANI, 2005, p. 222).

Com isso é importante pensar que a escola ainda oculta alguns corpos que não seguem o padrão heteronormativo, e isso é um problema social que vimos enfrentando há muito tempo, e pensar nessas questões, é pensar gênero, assim como criar filas de meninos e meninas, destinar cores para o masculino e feminino e outras ações que acabam sendo automáticas na escola e que permanecem presas a uma

armadilha machista que negligenciam outras formas de existência. Isso faz pensar sobre o padrão hétero, branco, rico, porque ainda é tão predominante? Vivemos numa sociedade machista? De que maneira isso afeta a escola? Pois bem, esse parágrafo não é dedicado ao ódio aos homens brancos héteros, mas sim a uma masculinidade tóxica que alguns desses reproduzem e que acabam prejudicando até a eles mesmos, pois o sujeito que vive em uma opressão, seja ela em casa, no trabalho e na escola, tem o desejo de ser opressor, e nesse sentido de refletir o *ser dominante*, me remeto a Furlani quando escreve sobre *políticas identitárias na educação sexual*:

Os padrões de normalidade tidos como hegemônicos, que definem outras identidades como “normais” em detrimento de outras, forneceu os contornos para as políticas de identidade num contexto cultural de disputa de poder-saber ao definir certos grupos como subordinados e hierarquicamente inferiores. Esses grupos (aqueles que tem sido nomeados historicamente de minorias, marginais, excluídos), especialmente a partir de meados do século XX, mais continuamente contestam o caráter construído da normalidade e a hegemonia da identidade-padrão (o sujeito homem, branco, ocidental, rico, masculino, heterossexual, cristão, adulto) (FURLANI, 2005. p. 223).

Nesse capítulo a autora fala sobre a hierarquia dominante que existe, dando jeito, cor, e sexo para o opressor, e logo mais à frente continua o debate sobre identidades culturais e como sofremos diferentes tipos de preconceitos dizendo:

Se somos sujeitos de múltiplas identidades, ao longo da vida vivemos diferentes experiências sociais em decorrência dessa convergência identitária. Por exemplo, ser mulher, lesbiana, negra, idosa e pobre pode significar uma experiência de vida diferente de alguém que é mulher, lesbiana, branca, jovem e rica. As diferentes posições de sujeito modificam as experiências de preconceito, discriminação e de violências experimentadas por cada uma de nós no convívio social. (FURLANI, 2005. p. 224).

Com esse exemplo da autora, reflito que temos privilégios diferentes, e cabe a nós professores e professoras mostrarmos esses caminhos aos nossos alunos e alunas, pois quero poder mudar a história dos vistos como *minorias* em sala de aula, alguns preconceitos e frases ditos automaticamente por alunos e alunas devem ser momentos de gatilhos para que professores e professoras possam trazer assuntos como homofobia, por exemplo, para serem discutidos. Piadinhas como *veado*, *gayzinho*, *marica*, *menininha* precisam ser disseminadas do linguajar da escola, e cabe a nós adultos estarmos alertas para esses insultos. Acredito que sexualidade e gênero devem ser discutidos em sala de aula, mas alguns empecilhos nos impedem e nos amedrontam enquanto professores e professoras, pois vivemos em um período

político baseado no ódio e na censura, e questões como homossexualidade são vistas como escória da sociedade.

Assim entendemos que como professores e professoras precisamos estar em constante formação, especializações, e entender que o conhecimento é constante, pois tratar de sexualidade é tratar de vida, e precisamos entender que assuntos como esse são bastante delicados por inúmeras questões, principalmente quando existe uma certa resistência de governo querendo proibir temas como sexualidade e gênero nas escolas. O papel do professor é questionar essas restrições, pois além de homofobia, e outros preconceitos é comum nos depararmos com gravidez na adolescência, abuso sexual, e DSTs no ambiente escolar, e esse cenário só existe porque não discutimos sexualidade na sala de aula, no entanto concordo com Schiavo e Silva (2001) quando juntos escrevem um artigo tratando de educação sexual, um estudo juntamente com médicos, professores e psicólogos e nos afirmam:

A educação sexual, como componente fundamental do processo de educação integral dos indivíduos, vem adquirindo uma crescente importância. Cada vez mais, educadores, médicos, psicólogos e outros cientistas sociais reconhecem que a educação para a sexualidade é essencial para a realização do potencial de crianças, adolescentes e jovens, no contexto de suas relações pessoais, familiares e sociais. Porém, num campo cientificamente pouco explorado como é o da sexologia, são grandes os riscos de se difundir uma falsa educação para a sexualidade (caso de muitas campanhas de prevenção de AIDS), com efeitos iatrogênicos. Isto requer um esforço integrado para delinear os conceitos, princípios e valores que devem nortear a educação sexual. (SCHIAVO e SILVA, 2001. p. 150).

No entanto, penso que professores e professoras devem sim trabalhar sexualidade na escola, assim como gênero, e penso também que esses não são assuntos para se tratar somente na escola, é uma problemática nacional, que deveria estar inserido em todas políticas públicas, um assunto emergencial que precisa ser discutido com brasileiros e brasileiras, pois assim diminuiríamos não somente o índice de doenças sexualmente transmissíveis, mas outras questões surgiriam em debate, como gravidez na adolescência, assédio sexual, e respeito as diferentes sexualidades existentes e com resultado dessas discussões passaríamos a ter um olhar mais humano, sensível e acolhedor para a comunidade LGBTTT+.

Figura 2 - "Espetáculo Ser Tão"



Fonte: acervo pessoal.

Figura 3 - "Espetáculo Der Lei"



Fonte: acervo pessoal.

Ser Tão e *Der Lei* são os dois espetáculos do *Coletivo Sou* no qual falo no próximo capítulo, inicio com essas imagens para mostrar-me enquanto artista, a linguagem da arte na qual me identifico e com tudo isso poder falar de assuntos políticos através da dança, trazendo questões atuais vistas pelos discursos de ódio dos últimos acontecimentos do cenário brasileiro.

3 NÍVEIS DE ESPAÇO (ENCONTROS COM A ARTE)

*Vão dos meus olhos mirando a paz
Povo provando do que é capaz
Nessa viagem que nunca chegou
Playboy tá junto com trabalhador
(Pietá, 2015)*

Em dois mil e quinze a banda *Pietá* em seu álbum *Leve o que quiser* compôs *Funk vermelho*, música que denunciava as opressões vindas pós o golpe do governo *Dilma*. Na canção, suas letras induziam uma reflexão sobre a nova reforma da previdência, que viria acabar com os direitos dos trabalhadores e dos jovens brasileiros, pensando assim, juntamente com a obra *Operários* da *Tarsila do Amaral*³ que surge na ideia de defender os trabalhadores, pensei em intitular o novo trabalho coreográfico de *Operários*, refletindo sobre o trabalhonão apenas como uma releitura mas também o fato histórico que vinha acontecendo como algo que já foi visto, logo, esse foi um tema de mais uma coreografia a se pensar juntamente com meus alunos e alunas na escola.

Nesse capítulo continuaremos a pensar o espaço, porém usando três níveis. O nível um é o chão, o nível dois é o meio entre o chão e o corpo ereto, e o nível três é o corpo sem inclinações. Convido-os a ler essa parte experimentando esses três comandos ou apenas um desses três, como se sentirem melhor

Para dialogar com esses três níveis de espaço trago nessas linhas três tempos da minha trajetória enquanto artista, o amador, o bailarino de um coletivo profissional e por fim, como professor de dança na escola, para isso, é importante que pensemos experiência, essa que, segundo Larrosa (2017)

[...] é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece (p. 18).

É pensando experiência que venho através da pesquisa narrativa falar sobre meu primeiro contato com a arte, aqui tenho lugar de fala para trazer relatos da minha vida e dos empodamentos que construí em minha trajetória, enquanto gay, aluno, artista, e agora professor, estudando a pesquisa narrativa concordo com Martins, Tourinho e Souza quando apontam:

³ Tarsila do Amaral (Capivari, São Paulo, 1886 - São Paulo, São Paulo, 1973). Artista Visual trabalhava com Pintura, desenho e escultura.

A autonomia e o estatuto epistemológico da pesquisa narrativa ou do que se convencionou chamar no Brasil de abordagem (auto)biográfica, notadamente no campo educacional, ganham visibilidade e diferentes modos de apropriação nos espaços acadêmicos e de formação, por compreendermos os avanços e as contribuições da pesquisa narrativa como dispositivo apistêmico-político de empoderamento e de reinserção dos sujeitos através de suas próprias histórias de vida-formação. (MARTINS, TOURINHO e SOUZA, 2017. p. 169)

Pensando assim, acredito ser cabível relatar nessa pesquisa questões como homofobia partindo da minha própria experiência, assim também como meu envolvimento com a arte, a vida acadêmica e outros aspectos cotidianos que entrelaçam o ser gay, artista e professor.

Falarei então sobre meu primeiro encontro com a arte que por incrível que pareça não foi na escola, e sim em um outro lugar, mas também carregado de memória, afeto, laços, amizades e conquistas que me tocam profundamente até hoje, e que promove em mim experiência.

Tudo começou na antiga Casa da Cultura Padre Bernardo Junkes⁴, logo ali na Içara⁵, eu tinha por volta de uns nove anos quando resolvi pisar na sala de dança. As aulas eram ministradas pela então coreógrafa Lidiane de Souza⁶, minha coreógrafa até hoje. Nas primeiras aulas eu me sentia um pouco deslocado, até porque eram pessoas diferentes, lugares diferentes, classes sociais diferentes, o estranhamento foi certo. Pouco a pouco as coisas foram se encaixando, construí laços e construí corpo. Vieram as primeiras apresentações, os primeiros festivais, as primeiras malas cheias de figurinos, as primeiras noites fora de casa, as primeiras viagens grandes, enfim, o começo.

Nesse início, vendo a arte como possibilidade de experiência, me deparei, juntamente com o grupo, com muitos desafios. Os festivais eram grandes e neles haviam competições bastantes apreensivas, o que é uma pauta a ser discutida por muitos bailarinos, coreógrafos e estudiosos de dança até hoje: os festivais competitivos. Ainda não percebendo a dança enquanto trabalho, fui entrando devagarinho nessa imersão do pensar dança. Além das competições, haviam nesses

⁴ Local que oferecia aulas de dança folclórica, artesanato, música, pintura, fica localizado no centro da cidade de Içara, onde funcionava a antiga Igreja construída por italianos em 1944 e que agora voltou a ser da Igreja.

⁵Içara é um município brasileiro do estado de Santa Catarina.

⁶Minha primeira e única professora de dança da vida, bailarina e pesquisadora comigo até nos dias de hoje.

encontros, rodas de conversas, oficinas com outros profissionais da dança, batalhas de hip hop, espetáculos, entre outras culturas dançantes.

No entanto problematizo ainda esses tipos de festivais, pois muitas vezes não há pesquisa na dança, e acaba se tornando entretenimento, com isso volto com a Strazzacapa (2013) quando ela trata sobre esses assuntos em suas escritas:

Paulatinamente, os profissionais da dança descobrem a importância da divulgação do saber construído em sua prática, não apenas ao apresentar as criações artísticas, mas ao aprender a discutir sobre elas. Os festivais de dança, além de servirem como mostra de coreografias, oferecem cursos (de fato, mais práticos que teóricos), palestras, debates, mesas-redondas, contribuindo com uma formação diferenciada do artista da dança. Enfatizo a importância da participação desses profissionais não apenas em festivais, mas em congressos, encontros, seminários e demais eventos, tanto artísticos quanto científicos. (STRAZZACAPA, 2013. p 56)

Vejo a dança assim como a autora que pensa não apenas em mostrar os trabalhos, mas sim falar sobre eles e trazer a dança para o ramo científico, pesquisa, formação e discussões, e pensar nisso como uma consequência de trabalho, pois continuando a falar do grupo quando começamos, rumos diferentes foram tomados. Cresci, e caminhos diferentes foram traçados, algumas pessoas que participavam do grupo seguiram querendo ter outras profissões, engenheiras, outras médicas, alguns foram para fora da cidade estudar teatro, outros apenas para fora da cidade, e o que sobrou foram poucos. Hoje participo do *Coletivo Souque* segue com menos integrantes e com nomenclaturas diferentes, e o modo de pensar dança também mudou, seguimos com dois espetáculos *Ser Tão* e *Der Lei*.

Ser tão tem a direção de João Gabriel da Rosa e coreografia de Lidiane de Souza. Em 2015 começamos a pesquisa com referência na obra *Os Retirantes* de Cândido Portinari. A ideia inicial era representar seu trabalho trazendo-o para um corpo coreográfico que fosse cansado, esse que resistiu à seca, ao sol, a pobreza e a miséria até chegar na cidade. No entanto o diretor e a coreógrafa foram para a cidade de São Paulo na busca de encontrar nordestinos e o porquê de eles estarem na cidade com maior número de habitantes no país. Nessa mesma viagem foi captada a trilha sonora do espetáculo contendo os sons da cidade. O figurino foi dirigido por Iara Réus, uma estilista bastante importante de Içara. Contudo penso que *Ser Tão* ainda é um espetáculo bastante político e importante por estar em um espaço e lugar onde o fascismo, a censura e os preconceitos são muito enraizados. Apresentamos

em muitos lugares de Santa Catarina com o intuito de não apenas mostrar os retirantes, mas também dizer que o Nordeste também é parte de nós.

Der Lei, surge da ideia de desconstruir esteticamente uma coreografia extremamente simétrica e perfeita, com novas referências começamos a entender dança de um modo que seja acessível a todos os corpos. Dança enquanto movimento, dança enquanto toque, como estado de presença. A referência desse trabalho surge em Içara no ano de 2016 a partir dos discursos de ódio lançados pedindo a volta da ditadura militar, que todos sabemos, foram anos de luta, de resistência, de opressão perante aos grupos estudantis, aos artistas e a todos aqueles que de alguma forma foram contra o governo e agindo assim sofreram nas mãos de torturadores. Com isso fomos até Derlei Catarina de Luca, uma mulher içarense que foi torturada na ditadura. A conversa com ela foi bastante angustiante, ouvindo seus relatos, dores, relação com o filho perdido, amores, vícios e ódios, chegamos a ideia de tratar na dança o que se passava em sua mente, o estado psíquico de Derlei Catarina. Estamos com o espetáculo em circulação em festivais como o Festival de teatro Revirado, Festival de dança de Garopaba e nos SESC da região, esperamos continuar com os trabalhos, mas sempre pensando em novos.

Hoje, além de participar do coletivo também ministro aulas de dança na Escola de Educação Básica Professora Maria da Glória Silva⁷, um trabalho que vem sendo feito desde o ano de 2016. Foi nesta escola que estudei durante todo meu ensino básico. Com meu trabalho conquistei alunos bastante interessados em aprender a linguagem da dança, e continuo com alguns alunos que iniciaram as aulas desde o início, claro que novos ciclos se encerram e os alunos mudam, porém continuo aprendendo com cada turma nova que me aparece, cada criança, cada corpo.

Minhas aulas são dadas a partir da dança educacional, essa que deve ser acessível a todos, que não tem distinção de corpos, que não exige técnica, além disso procuro trazer temas políticos para tratar em nossas criações, como racismo, homofobia, machismo entre outros temas atuais que precisam ser discutidos. No entanto, não são apresentados apenas para a criação de uma coreografia, mas sim como assuntos e debates que os alunos levam para a vida e assim constroem além de um corpo, um pensamento crítico.

⁷ Localizada na Rua Joaquim Mendes no bairro Aurora na cidade de Içara, a escola comporta mais de 500 alunos, contendo desde o Ensino Fundamental I, até o Ensino Médio.

Junto com os alunos da escola participei de diversos festivais e muitas premiações foram conquistadas, conversas com jurados, diálogos com outros grupos, os alunos com outros grupos e assim o trabalho segue sendo feito, para que próximos alunos se tornem professores, ou bailarinos, ou talvez não queiram seguir a carreira, porém se nada acontecer eu estou feliz com o trabalho que venho fazendo até aqui, pois percebo, através da minha formação em licenciatura, que estou na profissão que eu gosto, onde consigo conciliar o ser professor e o ser artista.

[...] E a educação sempre tem a ver com uma vida que está mais além da nossa própria vida, com um tempo que está mais além do nosso tempo, com um mundo que está mais além de nosso próprio mundo... e como não gostamos dessa vida, nem deste tempo, nem deste mundo, queríamos que os novos, os que vêm à vida, ao tempo e ao mundo, os que viverão uma vida que não será a nossa e em um tempo que não será o nosso e em um mundo que não será o nosso, porém uma vida, um tempo e um mundo que, de alguma maneira, nós lhe damos... queríamos que os novos pudessem viver uma vida digna, um tempo digno, um mundo em que não dê vergonha de viver. (LARROSA, 2017, p. 36).

Todos esses caminhos traçados, enquanto bailarino, me fazem pensar a arte como profissão, foi a partir da experiência com a arte que pensei, durante o Ensino Médio, em fazer uma graduação em Dança ou Artes Cênicas, porém muito utópico pensar que na região teria esse tipo de formação ou que talvez eu fosse ter condições de conseguir acessar a uma universidade federal, não, eu não fui atrás desse sonho, porém fui encontrar o que eu tinha mais próximo da minha realidade e conheci o curso de Artes Visuais na UNESC. Já tinha ouvido falar muito da graduação em Artes Visuais, e isso poderia ser um caminho a percorrer. Fui atrás de bolsas e consegui.

Em 2016 entrei na primeira fase e hoje estou aqui, escrevendo meu trabalho de conclusão de curso. Foi nessa graduação que encarei de frente a ideia de ser professor. Foi ali que exercitei o pensamento crítico, e entendi arte enquanto trabalho. Conheci professores que me inspiram até hoje e participei de bolsas de pesquisa que possibilitaram perceber-me como um professor em formação.

Uma das bolsas de pesquisa que participei, e que tenho orgulho em apresentar aqui foi o *Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)*, que tem como objetivo articular o acadêmico docente com a escola, juntamente com um professor ou professora supervisora na área atuante.

Nesse programa me deparei com escolas de Criciúma e com professores que seguem uma rotina com as aulas de Artes bastante caóticas, mas não no sentido ruim, no sentido de fazer a escola virar um espaço de apreciação estética em arte. E para

que isso aconteça o mundo se revira e os acadêmicos, alunos da escola, direção e instituição colocam a mão na massa para fazer a arte na escola acontecer.

Foi no PIBID que entendi que as aulas de Artes podem e devem trabalhar os sentidos, o sensorial, o corpo e a sexualidade. No entanto penso que se escrevo esse trabalho de conclusão é porque muito empoderamento e coragem partiram da experiência com este projeto.

As artes visuais, apesar de presentes desde os anos iniciais da história do Brasil – a primeira grande escola superior do país foi a Academia Imperial de Belas Artes, fundada em 1826 –, assustavam os jesuítas por serem muito sensoriais, e o sensorial leva à sexualidade. O mesmo aconteceu com a dança, que sempre foi deixada de lado, inclusive pelas universidades. O corpo era visto como algo pecaminoso. (BARBOSA, 2016. p. 01)

Outras experiências a partir da graduação em artes visuais fizeram com que eu pudesse expandir meu olhar perante a arte, as bienais são eventos de extrema importância para a ampliação de arte e cultura do país. Foi então que no ano de dois mil e dezesseis os graduandos do curso de Artes Visuais da UNESC puderam experienciar de perto a *32ª Bienal de Arte de São Paulo*, os trabalhos expostos pelos artistas vinham com o intuito de questionar as diversas formas de vida, intitulada *Incerteza Viva*. A Bienal aconteceu no Pavilhão Ciccillo Matarazzo, reunindo 81 artistas e coletivos.

No ano de dois mil e dezoito a viagem à Bienal se repetiu, dessa vez com um olhar mais maduro perante o universo artístico pude mergulhar nos trabalhos apresentados, dessa vez *Afinidades afetivas* vinha com a ideia do curador Gabriel Pérez-Barreiro de fazer ligações entre os artistas da Bienal, com a ideia de que eles pudessem expor seus trabalhos juntamente com artistas com os quais tivessem afinidades.

Além da Bienal, fomos na exposição *Mulheres Radicais: arte latino-americana, 1960-1985* que aconteceu na Pinacoteca de São Paulo. Essa exposição que carrega uma grande potência em sua realização, não só traz mulheres para o cenário das artes visuais, como mulheres feministas e latinas, essas que por muitas vezes são vistas de forma pejorativa em outros continentes.

Essas mulheres me deram muita força pra permanecer lutando a favor desse estranho corpo, acredito que a luta feminista, embora seja uma outra luta, ainda assim conversa muito com a luta LGBTT+, no sentido de questionar sobre a receita

estabelecida da norma. No entanto pensar que essas mulheres revolucionam e questionam o mundo desde mil novecentos e sessenta também me faz pensar sobre os homossexuais que resistiam nessa mesma data, mas para antes disso, é válido pensar também desde quando começamos a discutir a homossexualidade, pois se hoje já encontramos inúmeras dificuldades oriundas do ódio, naquele tempo talvez pudesse ser ainda mais ardoroso ser gay, nesse sentido trago novamente para dialogar em níveis de espaço a feminista Guacira Lopes Louro que traz em suas escritas:

A homossexualidade e o sujeito homossexual são invenções do século XIX. Se antes as relações amorosas sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas como sodomia (uma atividade indesejável ou pecaminosa à qual qualquer um poderia sucumbir), tudo mudaria a partir da segunda metade daquele século: a prática passava a definir um tipo especial de sujeito que viria a ser assim marcado e reconhecido. Categorizado e nomeado como desvio da *norma*, seu destino só poderia ser o segredo ou a segregação – um lugar incomodo para permanecer. (LOURO, 2016, p. 29)

Continuando a falar das minorias em uma linha do tempo a autora ainda traz no texto relações sobre a homossexualidade na década de setenta:

[...] durante os anos 70 assumia caráter unificador e assimilacionista, buscando a aceitação e a integração dos/das homossexuais no sistema social. A maior visibilidade de gays e lésbicas sugeria que o movimento já não perturbava o *status quo* como antes. No entanto tensões e críticas internas já se faziam sentir. Para muitos (especialmente para os grupos negros, latinos e jovens), as campanhas políticas estavam marcadas pelos valores brancos e de classe média e adotavam, sem questionar, ideias convencionais, como o relacionamento comprometido e monogâmico; para algumas lésbicas, o movimento repetia o privilegiamento masculino evidente na sociedade mais ampla, o que fazia com que suas reivindicações e experiências continuassem secundárias relativamente às dos homens gays; para bissexuais, sadomasoquistas e transexuais, essa política de identidade era excludente e mantinha sua condição marginalizada. Mais do que diferentes prioridades políticas defendidas pelos vários “subgrupos”, o que estava sendo posto em xeque, nesses debates, era a concepção da identidade homossexual unificada que se vinha constituindo na base de tal política de identidade. A comunidade apresentava importantes fraturas internas e seria cada vez mais difícil silenciar as vozes discordantes. (LOURO, 2016 p.35).

Nesse sentido, penso que possamos evoluir, as datas trazidas pela autora nos fazem acreditar que existiu uma evolução perante as minorias sexuais, hoje podemos analisar que vivemos uma melhor aceitação comparado ao século XIX por exemplo com os anos oitenta, e comparando os anos oitenta com os dias atuais podemos pensar que melhoramos muito mais, e que assim possamos seguir, mesmo com o um

esquema de governo que queira nos aniquilar, e para isso é preciso que sejamos radicais.

Além de militância, os trabalhos expostos nessa exposição trouxeram uma estética bastante contemporânea, contendo fotografias, vídeo-arte, poesia, gravura entre outras linguagens artísticas.

A noite de São Paulo é sempre uma loucura para quem vem do interior, houve em um desses dias de viagem o evento *SP na rua*, uma festa na rua para os jovens paulistas, tendas com diferentes sons foram instaladas na praça e uma multidão ocupou o centro da cidade.

Amo a rua, gosto de São Paulo e defenderei eternamente as Bienais, é interessante ver a imersão em diversidade que existe nas grandes capitais, com isso penso que devemos resistir sempre, valorizarmos a arte e os artistas e ocuparmos as ruas, o mundo é de quem faz.

Figura 4 - "Gabriel"



Fonte: acervo pessoal.

Gabriel Presente! No próximo capítulo trago homofobia para dialogar nessa pesquisa e escrevendo-a me remeto a Gabriel, ele vem em minha memória como um dos maiores atos de homofobia que já senti, vai para além do que já sofri enquanto gay, Gabriel era acadêmico de teatro e quem o conheceu entende do que escrevo aqui. Penso na importância dessa pesquisa para que mortes como a de Gabriel não sejam mais vistas nas manchetes.

4 COREOGRAFIA 5, 6, 7 E 8. (HOMOFOBIA)

*Se a um fascista é concedido cargo alto e voz viril
Vai lucrar do desespero, tal loucura já se viu
Bolso dele sempre cheio, nosso copo anda vazio
Mesquinhez e intolerância, bolso nada que pariu
(Francisco, El Hombre 2016)*

Bolso nada que pariu como eles já disseram em seu álbum *soltasbruxa*, lançado em dois de setembro de dois mil e dezesseis, a banda *Francisco, El Hombre*, não só critica o então atual presidente, como também traz inúmeras reflexões em suas composições além de representarem muito bem todas as minorias, cantando músicas que denunciam o feminicídio, o abuso, o ódio, a opressão e o fascismo. O single que inicia o capítulo, intitulado *Bolso nada*, com participação de *Liniker*⁸ e *os caramelows*⁹, soou como um grito de resistência para quem acompanha a banda e para quem, assim como nós, do coletivo *Sou* sentiu-se incomodado com os comentários retrógrados do até então deputado federal que atualmente é presidente da república. Em 2016 fizemos uma coreografia sem título com o intuito de denunciar o discurso de ódio que estava sendo disseminado através de discursos políticos como o de Bolsonaro e apresentamos em alguns locais como o *Unesc em Dança*¹⁰ por exemplo, pois bem, deixo aqui o meu repúdio ao atual desgoverno, e digo isso porque penso que um ser humano que defende a ditadura militar, o machismo, o racismo, e a homofobia não é merecedor de governar um país.

Falar sobre o atual governo, é falar também das inúmeras formas de vidas que estão sendo ameaçadas, e falar sobre isso é afirmar que há vidas perdendo o sabor de viver por estarem com medo, e viver com medo é viver no fascismo, no entanto, trago para dançar conosco essa coreografia o escritor e filósofo Michael Foucault que em *O anti-édipo: uma introdução à vida não fascista* nos escreve:

⁸Aos 23 anos, Liniker é uma das maiores revelações da música brasileira. Mulher trans, é ainda uma das principais vozes do movimento. Nascida no interior de São Paulo estourou na internet com o EP "Cru", em 2015. De lá para cá fez turnê no Brasil inteiro, nos Estados Unidos, Colômbia, Angola e 16 países da Europa.

⁹Banda que acompanha Liniker.

¹⁰ Festival organizado pelo setor de arte e cultura da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

E não somente o fascismo histórico de Hitler e Mussolini — que soube tão bem mobilizar e utilizar o desejo das massas —, mas também o fascismo que está em todos nós, que ronda nossos espíritos e nossas condutas cotidianas. (FOUCAULT, 1977. p.199)

Ao falar de fascismo o filósofo não traz críticas a nenhum ídolo de extrema direita, ou de extrema esquerda, nenhum padre ou pastor, não fala sobre autoridades, mas sim sobre o fascismo que existe em todos nós, nos nossos cotidianos, esse que nos faz seguir normas, cumprir horários e que nada deve estar fora do controle para que tudo dê certo no dia-a-dia, porém a vida não é linear, precisamos focar no presente, no agora, sem nos preocupar com que os outros irão pensar, sem nos importar com a existência do outro, não de uma maneira destrutiva, mas humana e caridosa, pensante, atuante, e que não as dissemina. Assim Foucault continua:

Sonho com um intelectual destruidor das evidências e universalidades, que localiza e indica nas inércias e coações do presente os pontos fracos, as brechas, as linhas de força; que sem cessar se desloca, não sabe exatamente onde estará ou o que pensará amanhã, por estar muito atento ao presente (FOUCAULT, 1977. p.199).

No entanto, penso que o fascismo aqui posto por Foucault muito conversa com homofobia, pois acredito que o ser homofóbico surge da ideia de busca por poder, esse que seduz o ser humano através de dinheiro, privilégios, status e entre outras coisas que fazem que pessoas se sintam no direito de oprimir outras através da posse desses mecanismos.

Abro agora um espaço para relatar minha própria experiência com a homofobia, então, para esse início, pensei em homofobia desde o princípio da minha criação. Quero começar pela minha mãe, ela que sempre me deixou ser uma criança livre, para correr onde eu pudesse, para me sujar com a terra que viesse, e para brincar com o que e com quem eu quisesse. As bonecas e as amigas femininas sempre me rodearam, brincar de casinha, costurar roupas para a Barbie, ser fada e sereia no mesmo dia era a minha praia. Nesse vai e vem de ser criança a ingenuidade era o barato, por um lado eu tinha minha mãe que nunca me censurou, e por outro o preconceito preestabelecido e tosco de quem via maldade no eu estar com as meninas.

Com isso, comecei a ser uma criança sensível. Pude entender que abraços, beijos e carinhos poderiam ser trocados entre minhas amigas, e comecei a ser assim com minha família também, com minha mãe, enfim, muitas pessoas achavam estranho meus comportamentos, pois os meninos não costumam ser sensíveis, e

desde então carrego comigo os sentidos aguçados de uma criança que não se deixou influenciar pela masculinidade tóxica, mas sim, entendendo que meninos também choram.

Com isso, para dialogar sobre minha sensibilidade para defender-me enquanto um menino gay sensível, trago Louro (2009), que de certa forma escreve sobre a masculinidade tóxica e como esse processo é desenvolvido em nossa sociedade, a autora aponta:

[...] O processo de heteronormatividade, parece ser exercido de modo mais intenso ou mais visível em relação ao gênero masculino. Observamos que desde os primeiros anos de infância os meninos são alvo de uma especialíssima atenção na construção de uma sexualidade heterossexual. As práticas afetivas entre meninas e mulheres costumam ter, entre nós, um leque de expressões mais amplo do aquele admitido para garotos e homens. A intimidade cultivada nas relações de amizade entre mulheres e a expressão da afetividade por proximidade e toques físicos são capazes de borrar possíveis divisórias entre relações de amizade e relações amorosas e sexuais. Daí que a homossexualidade feminina pode se construir de forma mais invisível. Abraços, beijos, mãos dadas, a atitude de “abrir o coração” para a amiga/ parceira são práticas comuns do gênero feminino em nossa cultura. Essas mesmas práticas não são, contudo, estimuladas entre os meninos ou entre os homens. “A camaradagem” masculina tem outras formas de manifestação: poucas vezes é marcada pela troca de confidências e o contato físico, ainda que seja plenamente praticado em algumas situações (nos esportes, por exemplo), se dá cercado de maiores restrições entre eles do que entre elas (não só quanto às áreas do corpo que podem ser tocadas como do tipo de toque é visto como adequado). (LOURO, 2009 p. 91)

Experimentei minha sexualidade fora da escola, com um menino um pouco mais velho que eu, entendia que existia, e existe até hoje, uma jogada de sensações ativas a partir de nossos corpos, que se comunicam, é como uma coreografia, e os desejos sexuais estão envolvidos nas questões sensíveis que carregamos. E assim como eu percebo os olhares homofóbicos me atravessando, também percebo os olhares de desejos direcionados ao meu corpo.

[...] a tarefa quase infinita de dizer, de se dizer a si mesmo e de dizer a outrem, o mais frequentemente possível, tudo o que possa se relacionar com o jogo dos prazeres, sensações e pensamentos inumeráveis, que através de alma e corpo tenham alguma afinidade com o sexo. (FOUCAULT, 1988. p. 24).

Embora eu não tivesse sido o único garoto homossexual da escola eu ainda enfrentei outro problema que existe na comunidade LGBTT¹¹, eu era a gay afeminada, que se na própria comunidade já não é bem vista, quem dera ser normal para um

¹¹ Lésbicas, gays, transexuais, travestis e outros.

cidadão de bem, esse que é a favor dos bons costumes, que preza pelo bem da família e entende assim que homossexuais podem prejudicar o crescimento dos seus filhos. E, justamente por ser um corpo estranho, afeminado e que foge das normas heteronormativas, somos esquecidos, e para falar de homofobia na escola e desse corpo político trago para reflexão as escritas de Amaral que nos aponta:

No que tange ao disciplinamento da sexualidade, a escola institui uma espécie de homofobia compartilhada com a família e demais espaços sociais, tratando a homossexualidade como se fosse uma perversão contagiosa. Identidades sexuais de garotas e garotos são moldadas por meio de pressão psicológica, violência, persuasão e constrangimento, até que se consiga forjar seus respectivos desejos permitidos e proibidos. Paradoxalmente, ao tratar da homossexualidade, costuma-se invisibilizá-la através de um silêncio persistente, que reitera a naturalização da heteronorma. Os currículos e livros didáticos nunca ou quase nunca mencionam sexualidades oprimidas ou casais homoafetivos como possibilidade concreta de união afetiva e conjugal, como se tais pessoas e arranjos não existissem. O silenciamento por si só é uma das formas mais pungentes de homofobia. (AMARAL, 2016. p. 29)

No entanto, por passar por todos esses desafios, construí afetos reais. No Ensino Médio fiz amizades que me deram coragem de ser quem eu era, e assim nesse ciclo de *ninguém solta a mão de ninguém*¹² pude entender que preciso afetar para ser afetado, dessa vez não num sentido pejorativo, mas sim no valor que existe na troca entre nós, seres sensíveis e que de certa forma se enquadram em uma nomenclatura bastante vista a *Resistência*.

Nesse tempo eu entendi que seguiria arteiro, na arte pude ser livre e entender que esse caminho também era referência para o meu empoderamento. Pois é, agora além de ser um gay afeminado, eu era um gay afeminado artista!

A homofobia na universidade foi diferente, era silenciosa, neutra e vestia uma camisa de botão, percebi o quanto os homens heteronormativos masculinizados podem ser tóxicos. E quando afirmo isso estou falando dos olhares maliciosos, das risadinhas pelas costas e dos cochichos dos milhares de homens héteros brancos que preenchem o campo universitário. Entendi o quanto eles podem ser frágeis, no sentido de um corpo gay o incomodar tanto no seu cotidiano. Percebi também que eles podem estar prejudicando não só a comunidade LGTB+, mas para além disso, eles mesmos,

¹² Expressão que representa um manifesto afetivo e de resistência que nasce nas campanhas eleitorais para presidência da República do Brasil em 2018.

pois muitas vezes a heteronormatividade é um padrão pré-estabelecido. Voltando a leitura de Amaral percebo que:

A transgressão dessa tríade que compõe aquilo que chamaremos desde agora de heteronormatividade é constantemente evitada ou, em último caso, repelida ou punida, através de instituições sociais de controle. No caso do sentimento interior de atração por sujeitos do mesmo sexo biológico/ gênero, a repressão encontra guarida na ideia de pecado ou culpa moral, imbuída nos discursos religiosos ou moralistas; no caso da exteriorização desse sentimento, a repressão poderá ser prontamente executada pelas instituições sociais como a família e a escola, e até mesmo, em casos extremos, pelas instituições jurídicas, seja através da condenação de certas identidades sexuais ao submundo da criminalidade, seja privando-as, através de omissões, do acesso a bens, direitos e proteção suficiente para deixarem de viver suas vidas na penumbra da clandestinidade. (AMARAL, 2016. p. 19)

Concordo com o autor ao pensar dessa forma no sentido de afirmar que a sexualidade conversa muito com a política, pois quais são as punições de quem foge a norma? A exclusão, a não aceitação, a ofensa, os maus tratos entre outras questões?

Gostaríamos de acrescentar algumas implicações diretas ou colaterais da heteronormatividade. Em primeiro lugar, a associação triádica heteronormativa articula as noções de gênero e sexualidade a ponto de a transgressão da heteronorma afetar simultaneamente a identidade sexual e a identidade de gênero do sujeito. É comum atribuir-se ao homem não heterossexual a perda de sua masculinidade e a assunção do gênero feminino, quando não a perda total de uma identidade de gênero, que ficaria a transitar em um espaço nebuloso. A dificuldade de separar identidade de gênero de identidade sexual faz com que os sujeitos se vejam persuadidos a incorporar compulsoriamente uma autorreferência alienante, que não condiz necessariamente com sua autoidentificação a respeito da masculinidade e da feminilidade, mas que no mais das vezes somente obedece às expectativas sociais. (AMARAL, 2016, p. 20 e 21)

E além de entender sobre muitas questões sobre eles, entendi também que o medo era o que eles querem de nós, para que desistamos, para que não precisem se encontrar com nossos corpos nos ambientes em que eles dominam, para que fiquemos apenas na prostituição e na visão de que somos promíscuos. Pois bem, vim para revolucionar e mostrar que *vai ter bicha na universidade*, pois além de ter que enfrentar uma grade curricular tive que desencadear o processo de aceitação, esse que buscamos continuamente em nosso cotidiano.

“Marginais”, “minorias”, “excluídos/as”, todos/as construídos/as por um processo de segregação concebido não apenas a partir do ponto de vista da inacessibilidade aos meios econômicos de subsistência (como emprego, aos bens e serviços decorrentes da renda), mas também da falta de acesso a segurança, a moradia, a justiça, aos direitos civis, a cidadania, uma

inacessibilidade decorrente, sobretudo, dos possíveis níveis de negatividade no contexto social, cultural e político das representações, dos significados culturais presentes e constituintes das identidades desses sujeitos. (FURLANI, 2009, p.297)

Em primeiro de novembro de dois mil e dezoito eu perdi mais um de nós, Gabriel, ele que brilhava tanto e nos dava tanta força deixou marcas, o acadêmico de Teatro sonhava grande, queria conquistar o mundo, e inspirava todos que o rodeava, usava saia, ria alto, bicha escrachada e corajosa, a causa da sua morte? Todos sabem, e essa foi só mais uma história sanguinária. O problema é que dessa vez eu não vi só na televisão, eu senti falta, eu senti dor, eu gritei e chorei de verdade, e vivo nesse luto que também é luta até hoje, foi como se nós fossemos mais um farelo de todos os rejeitos encontrados no esgoto. Meu mundo caiu!

Falar sobre homofobia e ser gay, é uma tarefa bastante difícil quando você mora em um lugar onde as pessoas te olham com rejeição, é como se fosse uma arma apontada todos os dias para esse corpo, que deveria ser mais um corpo livre no mundo, mas que por não seguir o padrão, acaba se tornando político

Talvez essa coreografia tenha se tornado fúnebre, mas que possamos pensar na arte não apenas como entretenimento, pois assim como nossos corpos nós também dançaremos a luta. Quero pensar positivo e escrever que iremos parar num mundo melhor, onde professores e professoras recebem um salário digno, onde pessoas negras não morrem pela sua cor, onde pessoas LGBTT+ possam ser consideradas gente de verdade, e que nenhuma existência seja considerada doença. Quero defender que o afeto é a cura.

Por isso conversarei com professores professoras sobre a abordagem do tema homofobia na sala de aula, com o intuito de criar uma oficina para juntamente com eles e elas podermos conversar sobre esse assunto.

Figura 5 - "Oficina de dança com professores e professoras."



Fonte: acervo pessoal.

A imagem acima surge a partir dos próprios caminhos que essa pesquisa percorreu, tentando resolver meus questionamentos enquanto um futuro professor gay, trago para a sala de dança professores e professoras para juntamente comigo dançarmos e pensarmos sobre o tema homofobia na sala de aula, nesse capítulo conversaremos com esses professores e professoras.

ENSAIO(CONVERSA COM PROFESSORES E PROFESSORAS)

*Pervertido, mal amado,
Menino malvado, muito cuidado!
Má influência, péssima aparência,
Menino indecente, viado!
(Caio Padro, 2014)*

Em dois mil e dezesseis, no começo da pesquisa do espetáculo *Der Lei*, já citado nessa pesquisa, iniciou com a música de *Caio Padro* com o intuito de denunciar a homofobia, a coreografia na música de Caio surgiu com os bailarinos Cleyton Martins¹³ e eu. Como os únicos gays do coletivo, encenávamos com nossos corpos a relação de um casal gay. Com o decorrer do tempo fomos acreditando que a cena não estava criando ligação com o espetáculo, no entanto esse formato já não existe mais, mas foi bastante importante para mim.

No dia dez de outubro de dois mil e dezenove me encontrei com professores e professoras de Artes Visuais na sala de dança dois da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) onde estudo. O convite para que esse encontro acontecesse foi por meio de uma mensagem na rede social whatsapp convidando, eles e elas, para esse encontro através do seguinte texto:

Olá! Tudo bem? Consegui seu contato através do Arte na Escola! Sou Walter Gobbo, graduando em Artes Visuais licenciatura aqui na Unesc, estou em trabalho de conclusão de curso com o tema homofobia na escola, e para fazer a coleta de dados da minha pesquisa gostaria de convidar vocês para serem os pesquisados, pois o foco são professores e professoras de Artes que atuam com crianças e adolescentes. A ideia é de uma oficina de dança que acontecerá no dia 10 de outubro às 19:00 horas, na sala de dança da universidade, com a intenção de debater assuntos como homofobia, e tudo que envolve-a, diversidade e outras questões que surgirem! Quer saber se você topa?

Foi então que dez, dos trinta selecionados, aceitaram participar da oficina. E desses dez, sete compareceram. Nesse dia tudo estava meio caótico na minha cabeça, pois eu nunca estivera ministrando uma oficina para um público adulto e, além

¹³Bailarino do coletivo Sou, gay, artista, ilustrador e estudante de moda.

disso, para professores e professoras de Artes. Me encontrei nervoso, pois esse seria, conforme minha orientadora, o coração dessa pesquisa.

Estava eu na sala de dança juntamente com Marina Elias Guidi¹⁴ quando os professores e professoras começaram a chegar. No início fiquei pensando em ideias sobre como quebrar o gelo dessa entrada, mas depois vi que não precisaria, pois onde tem docente tem conversa, pois bem, começaram a compartilhar sobre seus cotidianos ali mesmo, sentadas, de pé, tomando água, trocando de roupa, se preparando, enquanto eu fazia o mesmo, tomava água, arrumava o som, preparava a câmara e os recebia.

Inverti o roteiro e o primeiro comando foi para que tirassem seus calçados e que andassem pela sala, sentissem seus corpos, destravassem, caso houvesse algo travado. Em seguida fomos pensando na velocidade da nossa caminhada, entendendo que existia uma velocidade que esvoaçava entre um a dez. Eles foram sacando a jogada rapidamente. Ainda no andar pela sala e pensando as velocidades, pedi para que quando eu batesse uma palma eles parassem e encontrassem um ponto fixo, e assim foi feito, agora temos além da caminhada um segundo comando. Em seguida, duas palmas que comandavam uma teia entre todos eles, essa que teria que fazer com que todos os corpos se encontrassem. Pois bem, começamos a movimentação apresentação, como funcionou? Em círculo pedi para que cada um falasse seu nome e ao mesmo tempo criasse um movimento. Em ordem, cada professor e professora presentes inventaram o seu, e assim repetíamos os movimentos dos colegas, criando assim uma única coreografia. Essa coreografia logo entrou nos comandos, agora tínhamos velocidade de um a dez, palmas, e uma coreografia que entrava no comando cada vez que eu soletrasse a letra A. Eles e elas sacaram a ideia rapidamente, e assim criamos uma grande coreografia através de todos esses comandos, sempre partindo da manifestação deles e delas.

Logo fizemos o alongamento, esticando, braços pernas, pescoço, tudo certinho conforme manda o procedimento padrão de alongamento. Após o alongamento perguntei se ainda lembravam da coreografia criada no coletivo e sim, todos e todas lembravam, pedi para minha assistente de som que soltasse a música escolhida para

¹⁴ Graduanda em artes visuais licenciatura, minha colega de classe, artista de colagens e minha companheira de luta, captou através de seu celular uma gravação de áudio durante toda a oficina.

essa parte, e com nossa coreografia pronta inserimos as movimentações criadas na música *21 de diciembre* de Lê coelho e Inés¹⁵

A prática durou cerca de uma hora e meia, o que me assustou bastante, pois pensei que a oficina num todo duraria esse tempo, mas não, em seguida finalizei o trabalho prático e pedi para que sentassem ali mesmo, em círculo, e assim conversarmos sobre a prática realizada. Expliquei também que esse é um dos métodos que uso para criar coreografias, funciona assim na escola que atuo e também no *Coletivo Sou*.

Começamos a falar de dança na escola e como isso aparece somente em tempos comemorativos, como em festa junina, festa da família, entre outras datas. Minha provocação preliminar foi: *como ficam os meninos nesse contexto?* E algumas respostas como: *Ah, nem sempre gostam de participar pois dança geralmente é vista na escola como coisa de menina* e algumas outras surgiram como *acalanto sempre participam, se entregam e gostam*.

Penso que a dança na escola deve vir, assim como qualquer outra linguagem da arte. Precisamos entender que como a gravura, a escultura ou a pintura, a dança também possui seus conceitos e que podemos usar diferentes métodos para que ela aconteça. Strazzacappa ao falar de dança na escola nos diz:

O ensino da dança e das demais artes da tradição oral é feito por meio da observação e reprodução do observado. Na maioria das técnicas sistematizadas e codificadas, o professor faz e o aluno imita. Poderíamos pensar que no caso da dança na escola – onde se trabalha mais a exploração e a criação do próprio aluno que o aprendizado de passos específicos – a imitação não está presente. No entanto, essa ideia é equivocada. (STRAZZACAPPA 2001 p. 78)

Concordo com a autora quando nos diz a respeito de exploração e criação do próprio aluno, pois assim como qualquer outro trabalho efetuado na disciplina de Artes na escola não devemos chegar com exemplos prontos, mas sim deixar com que a criação seja espontânea e que os alunos possam viver uma experiência em arte que possa partir dos comandos do professor ou da professora, mas que seja a partir dos seus próprios conceitos.

Em seguida perguntei para os professores e professoras como eles trabalham com questões de homofobia na sala de aula e algumas respostas bastante

¹⁵<https://www.youtube.com/watch?v=vaX7cTqVWZg>

interessantes surgiram: *eu acho que é uma questão muito complicada, e por isso eu não gosto de falar pois já vi professor ser afastado, e às vezes a gente acaba não falando sobre isso justamente por esse medo*

Uma professora compartilhou suas experiências sobre homofobia na escola e relatou sobre um de seus conselhos de classe: *estávamos falando sobre um aluno que o pai tinha se assumido homossexual, as vezes é interessante saber no conselho sobre como está a ligação entre casa e escola, na época a coordenadora disse assim: gente não cabe a nós julgarmos a opção sexual do pai do menino, de repente um professor, também homossexual levantou da mesa e disse a seguinte frase: não é opção, porque se fosse opção eu não teria optado por sofrer tudo que eu já sofri. Agora sempre que eu ouço alguém falando sobre opção eu digo que ninguém vai escolher passar por todo esse preconceito.*

Pensamentos como o da professora citada são bastante vistos atualmente, no pensar a homossexualidade como uma “opção” ou que supostamente existe uma cura para tal, ou que escolhemos ser homossexuais. No artigo *Cura Gay? Debates parlamentares sobre a (des)patologização da homossexualidade* Gamanos traz algumas estatísticas sobre a homossexualidade como doença:

A homossexualidade foi incluída sob o termo “homossexualismo” na 6ª Revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID), da Organização Mundial de Saúde, em 1948, na categoria 320, “personalidade patológica”. Na 8ª Revisão da CID, em 1965, a categoria 302, “desvio e transtornos sexuais”, incluiu o homossexualismo na subcategoria 302.0. Na 9ª revisão manteve-se esta classificação, entretanto, ela passou a ser fortemente criticada dentro dos campos da medicina, da psicologia e da psiquiatria, sendo rejeitada também pelos movimentos homossexuais em muitos países. (GAMA, 2019, p 08)

Estranho é analisar que pensamentos como os de 1948 voltaram a ser discutidos por certos grupos conservadores na atualidade, o que vejo como uma ameaça a comunidade LGBTTT+, porém em outras linhas, ao trazer dados da OMS (Organização Mundial da Saúde) a autora aponta:

Em fevereiro de 1985, o Conselho Federal de Medicina atendeu à reivindicação, retirando o homossexualismo do código 302.0. Entretanto, o reconhecimento internacional da despatologização da homossexualidade por parte da Organização Mundial de Saúde só foi alcançado em 1990. (GAMA 2019, p 08)

Continuando o diálogo com os professores e professoras de Artes, a transexualidade surgiu em debate. Outra professora compartilhou sua experiência

quando teve em sua sala de aula um aluno trans: *um outro caso muito complicado, aconteceu quando recebemos uma menina, mas que estava trabalhando para se transformar em um menino, sem barba, usava faixas no peito, era do sétimo ano. Ninguém questionou, chegou com a mãe, os dois cientes do que estava sendo feito e que a partir do momento certo tudo se resolveria para que o processo de transição pudesse acontecer. Depois eu saí da escola, e não consegui acompanhar mais esse caso, no entanto fiquei com alguns questionamentos será que depois aceitariam na naturalidade? Será que vão falar mal dele? O que vai acontecer?*

O estranhamento sobre corpos que fogem a heteronormatividade é algo que nós LGBTTT+ temos que aprender a lidar no cotidiano, na escola deveria ser diferente, mas volto a conversar com Foucault (1997) quando escreve:

A forma de controle das instituições, principalmente da Igreja e do Estado, sobre o corpo do indivíduo, estabelece e mantém o poder por meio do saber. Os supostos conhecimentos transmitidos pelas instituições, muitas vezes, atuam de forma a distinguir a prática sexual “saudável” da “patológica” e indicam o padrão de normalidade a ser seguido pelos indivíduos, sendo determinantes para a manutenção do poder. (FOUCAULT 1977. p.?)

Outra professora nos contou sobre suas pesquisas sobre gênero e falou sobre a transição de um amigo que também foi um processo lento: *Então perguntas frequentes são feitas pra ele, como está sendo o processo de transição? Como devo lhe chamar? Enfim, a família acolheu e está tudo bem, mas alguém que até então foi educado com menina precisa desmitificar o processo de norma e hoje afirma: agora eu preciso ensinar as pessoas como eu quero ser tratado.*

Penso que devemos ser livres para enfrentarmos o medo de ser quem somos, penso que o processo de transição deve ser difícil, mas que é possível, e volto ao pensamento de que enquanto professores e professoras devemos formar sujeitos livres para decidirem o que quiserem ser, e nesse sentido de liberdade para as pessoas serem o que elas são.

Outros questionamentos também foram feitos a partir da bissexualidade através do relato de uma professora que falou sobre seu filho e de sua sexualidade, ela disse que ele se assumiu bi e perguntou: *como funciona essa balança? Será que um dia to mais bi e no outro nem tanto?* E alguns professores também continuaram: *pois é eu acredito que a bissexualidade é gostar de pessoas, não pelo sexo, mas sim pelo o que elas são.*

Em 1915 Havelock Ellis começou a usar o termo “bissexual” para indivíduos que se sentissem atraídos pelos dois sexos, categorizando assim as pessoas em três tipos: heterossexuais, homossexuais e bissexuais. Este momento representa um ponto importante no desenvolvimento de noções contemporâneas da bissexualidade (MONRO, 2015. p. 15).

Um professor também se posicionou: *Vou falar de Joelma, uma pessoa de Lages, terra dos tropeiros, lugar com forte identidade machista, na infância reunia eu e acriançada pra brincar de escolinha, brincadeiras nas tábuas, e várias outras, e seu pai não aceitava ela como ela era, foi a primeira travesti de Lages, se vestia como mulher e ia pra escola pública, não concluiu o ensino médio, por conta de toda a resistência por se posicionar como travesti, tinha o sonho de ser professora.*

Após esse relato, me questiono: até quando cortaremos os sonhos de pessoas pelo simples fato de elas serem diferentes? Porque a sexualidade e o gênero alheio incomodam tanto a sociedade heteronormativa? O que fizeram os professores e professoras de Joelma quando ela desistiu de ir à escola?

Através desses relatos me sinto afetado para poder afetar, pois penso que na escola não iremos cortar os sonhos das Joelma's, iremos regá-los.

O fim da oficina terminou com professores e professoras refletindo sobre a homofobia, mas que se depender desses professores e professoras que estavam nesse encontro acredito que o ódio, o preconceito e a intolerância não passarão. Ao menos nas aulas de Artes.

Pensar esse debate com professores e professoras atuantes e que não se calam para a opressão me deu forças para seguir como um professor do agora, esse que pesquisa, que está aberto ao diálogo e que respeita a diversidade humana, seremos então, professores e professoras do agora, professores e professoras do seu tempo, contemporâneos e contemporâneas, e lado a lado derrotaremos o fascismo instaurado no país, a luta não é fácil, mas ninguém disse que seria. Terminei minha análise citando Foucault:

Não imaginem que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo se o que se combate é abominável. É a ligação do desejo com a realidade (e não sua fuga nas formas da representação) que possui uma força revolucionária”. (FOUCAULT, 1977. p.200)

Assim, penso que não devemos ser tristes, mas sim revolucionários, pois não deixaremos que uma nova geração venha a ser robotizada pelas novas instalações de ensino, não deixaremos nossos alunos e alunas seguirem a norma, a não ser que

eles e elas queiram. Vamos dar liberdade e autonomia aos nossos educandos, e que o ensino da arte siga trazendo reflexões, afinal, somos humanos ou máquinas?

6 UMA PROPOSTA PARA UMA PRÓXIMA AULA DE DANÇA

Título: Encontro da diversidade em Içara: debatendo com professores e professoras da rede pública.

Ementa: As aulas de Artes e a diversidade. O gênero e a sexualidade como temas na escola.

Carga horária: Encontro de 8h

Público alvo: Professores e professoras de Artes da rede pública do município de Içara.

Justificativa:

Pensando a minha própria experiência enquanto aluno gay na escola, refleti sobre as maneiras como todos e todas que formam o ambiente escolar olham para a comunidade LGBTTT+, cheguei a conclusões de que muitas vezes nossos corpos são invisíveis nas escolas, pelo fato de professoras e professoras não saberem lidar com esses alunos e alunas na sala de aula, pelo medo da direção ou medo dos próprios pais. No entanto penso que um Seminário que envolve professores e professoras das escolas públicas de Içara possa ser conveniente para instigar profissionais que atuam na educação a refletir e combater o preconceito, pensando assim no protagonismo desse alunos e alunas na escola. Concordando com Louro quando escreve sobre os padrões sexuais pré-estabelecidos pela escola:

Não há dúvidas de que o que está sendo proposto, objetiva e explicitamente, pela instituição escolar, é a constituição de sujeitos masculinos e femininos heterossexuais – nos padrões da sociedade em que a escola se inscreve. Mas, a própria ênfase no caráter heterossexual poderia nos levar a questionar a sua pretendida “naturalidade”. Ora, se a identidade heterossexual fosse, efetivamente, natural (e, em contrapartida, a identidade homossexual fosse ilegítima, artificial, não natural), por que haveria a necessidade de tanto empenho para garanti-la? Por que “vigiar” para que os alunos e alunas não “resvalém” para uma identidade “desviante”? Por outro lado, se admitimos que todas as formas de sexualidade são construídas, que todas são legítimas mas também frágeis, talvez possamos compreender melhor o fato de que diferentes sujeitos, homens e mulheres, viviam de vários modos seus prazeres e desejos. (LOURO, 1997, p. 80-82)

Pensando como a autora, acredito que é necessário darmos visibilidade aos corpos diferentes que se manifestam e que precisam de apoio para continuar sendo o que são, pois a heteronormatividade estabelecida pode não agradar todos os alunos

e alunas e é nessa hora que professores e professoras devem estar atentos para saber lidar, conversar, proteger e dialogar em sala de aula, mas como? A partir de seminários e formações.

A partir da minha pesquisa “Homofobia na sala de aula: uma conversa com professores e professoras de Artes”, e com base nas reflexões feitas, pensei no município de Içara, onde moro e atuo, e nos professores e professoras de Artes da rede pública de ensino. A ideia é dialogar com professores e professoras, debatendo, questionando, apontando fatos e realidades da população LGBTTT+ no ambiente escolar, para que esses professores e professoras tenham um olhar mais sensível e uma postura segura para defender esses alunos, alunas e alunas na escola.

Objetivo geral:

Promover um debate qualificado entre professores e professoras de Artes do município de Içara sobre a diversidade e as relações de gênero e sexualidades nas escolas.

Objetivos específicos:

Proporcionar debate sobre a comunidade LGBTTT+ na escola

Debater sobre as metodologias voltadas ao combate à homofobia na sala de aula.

Metodologia:

A proposta é criar, juntamente com apoio da Secretaria de Educação, um encontro para debater a diversidade na escola que acontecerá no Clube Ipiranga, localizado na cidade de Içara. Iniciaremos com um café às oito horas da manhã para assim recepcionar todos e todas. Logo mais, às oito e meia daremos início ao evento com uma apresentação artística do Coletivo Sou, em seguida o debate com diferentes lugares de fala da comunidade LGBTTT+ mediado por Guacira Lopes Louro, que acontecerá até ao meio dia. À tarde, os professores e professoras irão pensar em estratégias para levar esse tema para a escola. Às dezessete horas encerramos o evento.

7 PASSAGEM DE PALCO (CONCLUSÃO)

Sabemos que a passagem de palco não é a apresentação, não que ela não seja importante, é tanto quanto, por isso levaremos a passagem de palco a sério para entendermos a conclusão. Pois bem, acredito que nada seja extremamente concluído nessa vida, não seria um trabalho de conclusão de curso diferente, mas, acredito que essa pesquisa me fez analisar e talvez responder alguns questionamentos que me rodeavam: como trabalhar o tema homofobia na sala de aula? Como professores e professoras lidam com essas questões em suas aulas? Quem são esses professores? Eles e elas são contemporâneos?

No entanto eu ainda não sei como trabalhar esse tema em sala de aula, e talvez nenhum professor e professora tenham uma receita pronta para abordar esse tema. É na sala de aula que isso se perpetuará e como ainda estou em formação, penso que um dia estarei no ambiente escolar para me questionar e me propor a trabalhar esse assunto.

Porém quando trago para minha pesquisa uma oficina de dança para professores e professoras posso concluir que desde o dia da oficina até então os professores e professoras com quem conversei sabem sim lidar com a comunidade LGBTTT+ em suas aulas, combatendo o preconceito, conversando com os alunos e alunas e o melhor, não sendo homofóbicos e homofóbicas.

Entendi que eles e elas são professores e professoras do agora, que estão aptos a dialogar, que se importam com os alunos e também com a pesquisa acadêmica, pois além de dançarmos, conversamos sobre assuntos que permeiam a comunidade LGBTTT+.

Enquanto futuro professor quero continuar desconstruindo conceitos homofóbicos e opressores que ainda são instaurados na sala de aula como questões automáticas em que os próprios alunos e alunas, e muitas vezes até a comunidade escolar reproduzem.

A importância dessa pesquisa é justamente para que possamos olhar para as pessoas vistas como minorias e para questionar o papel do professor e professora de Artes, na sala de aula, que possamos ser pesquisadores e pesquisadoras e que não deixemos com que o fascismo tome conta da educação brasileira.

REFERÊNCIAS

AMARAL JUNIOR, Ilimar Pereira do. **Educação para a diferença é um direito: A adequação constitucional das políticas públicas de combate à homofobia nas escolas.** 2016. 156 f. Tese (Doutorado) - Curso de Direito, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/20380/1/2016_IlimarPereiraAmaralJunior.pdf>. Acesso em: 17 out. 2019.

BALEIRO, Zeca. **Vô Imbolá.** 1999. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/zeca-baleiro/91981/>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

BARBOSA, Ana Mae. **A importância do ensino das artes na escola.** 2016. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2016/05/importancia-do-ensino-das-artes-na-escola.html>>. Acesso em: 18 set. 2019.

CRIOLO. **Casa de papelão.** 2014. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/criolo/casa-de-papelao/>>. Acesso em: 04 nov. 2019.

DINIS, Nilson Fernandes. **Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência.** 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n39/n39a04.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

FOUCAULT, Michel. A implantação perversa. In: FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I.** França: Gallimard, 1977. Cap. 2, p. 24.

FOUCAULT, Michel. **O anti-édipo: uma introdução à vida não fascista.** Disponível em: <<http://letraefilosofia.com.br/wp-content/uploads/2015/03/foucault-prefacio-a-vida-nao-facista.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

FURLANI, Jimena. Políticas identitárias na educação sexual. In: GROSSI, Miriam Pillar et al. **Movimentos sociais, educação e sexualidades.** Rio de Janeiro: GaramondLtda, 2005. Cap. 4. p. 219-238.

GAMA, Maria Clara Brito da. **Cura Gay? Debates parlamentares sobre a (des) patologização da homossexualidade.** 2019. 24 f. Monografia (Especialização) - Curso de Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Cap. 2. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sess/n31/1984-6487-sess-31-4.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2019.

GATTI, Bernadete A. Formar professores: os dilemas da formação e educação escolar em artes. In: MARTINS, Mirian Celeste; BONCI, Estela Maria Oliveira; MOMOLI, Daniel (Org.). **Formação de educadores: Modos de pensar e provocar encontros com a arte e a mediação cultural.** São Paulo: Terracota, 2017. p. 67.

HOMBRE, Francisco El. **Bolso nada.** 2016. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/francisco-el-hombre/bolso-nada/>>. Acesso em: 04 nov. 2019.

LARROSA, Jorge. A experiência e suas linguagens. In: LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre a experiência.** Barcelona: Autentica, 2017. Cap. 2, p. 36

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diiniz. **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas.** Brasília: Ministério da Educação, 2009. p. 91.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. 92 p.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 2. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997. 179 p ISBN 85-326-1862-6

MALTA, Roberta. **Liniker: “Ser uma mulher com um pau é revolucionário”**. 2019. Disponível

em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2019/03/liniker-ser-uma-mulher-com-um-pau-e-revolucionario.html>>. Acesso em: 08

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de. Conversas iniciais sobre pesquisa narrativa: algumas pistas introdutórias. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de. **Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: Ufsm, 2017. p. 169.

PADRO, Caio. **Não recomendado**. 2015. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/caio-prado/nao-recomendado/>>. Acesso em: 04 nov. 2019.

PIETÁ. **Funk vermelho**. 2015. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/pieta/funk-vermelho/>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

SEFFNER, Fernando. Equívocos e Armadilhas na Articulação entre Diversidade Sexual e Políticas de Inclusão Escolar. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, 2009. Cap. 4, p. 127.

SILVA, Maria do Carmo de Andrade; SERAPIÃO, Jorge José; JURBERG, Pedro. **Sexologia: interdisciplinaridade nos modelos clínicos, educacionais e na pesquisa**. Rio de Janeiro: UGF, [1997]. 251 p. ISBN 858093749 (broch.).

STRAZZACAPPA, Marcia. Pensando sobre o corpo (ou dando corpo ao pensamento) na formação de professores. In: MARTINS, Mirian Celeste; BONCI, Estela Maria Oliveira; MOMOLI, Daniel. **Formação de educadores: Modos de pensar e provocar encontros com a arte e a mediação cultural**. São Paulo: Terracota, 2017. Cap. 2, p. 97.

STRAZZACAPPA, Marcia. A importância de congressos, encontros e festivais na construção do conhecimento em dança. In: STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. **Entre a arte e a docência: A formação do artista de dança.** Campinas: Papirus, 2013. p. 56.

STRAZZACAPPA, Marcia. **A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola.** 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n53/a05v2153.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2019.